



D RECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

Nem tudo que Luz é Ouro

Por MIMI GRANDELA

Desenhos de CASTANÉ

NEM sempre se está inspirada para escrever um conto, e um conto que agrade àqueles que o leiam. Este, que a minha imaginação, de repente, concebeu, é simples, é um pouco da vida real.

Escrevo-o na intenção de que seja uma espécie de bálsamo para aqueles que julgam que só os ricos são felizes e que só o dinheiro traz essa felicidade que aparentemente parece verdadeira, mas que, na realidade, é fictícia.

Há um ditado muito antigo, que exprime bem o que é a vida e que quasi toda a gente conhece. Esse ditado é aquele que serve de título ao meu conto:

«Nem tudo que luz é ouro».

Numa dessas tardes de Janeiro, em que o Sol, por muito favor, aparece à porta do seu magnífico palácio e se digna enviar à Terra alguns dos seus lindos raios, procurava trabalho um pobre rapaz de aparência franzina, mas bastante simpático. O seu rosto deixava transparecer uma enorme fadiga.

De facto, havia já um dia e uma noite que não dormia. Ambicioso, como quasi todos os rapazes, na sua condição, resolvera sair da sua humilde aldeia, para vir tentar fortuna, nem éle sabia aonde! Não era rico, mas também não podia dizer que vivia na miséria, porque seus Pais, gozando de invejável saúde, tinham con-

seguido amearhar, a um canto de uma arca, alguns vintens com que agora na velhice se sustentavam.

Mas a Rogério não era suficiente o que seus Pais possuíam. Ambicionava mais e muito mais!

Queria viver no luxo em que viviam alguns fidalgos que tinham por hábito passar o verão na sua aldeia. Com esta ordem de idéas, uma tarde pôs-se a caminho, em busca da tão desejada fortuna.

Depois de ter andado um dia e uma noite seguidos, Rogério, já sem forças para ir mais além, e, avistando ao longe uma pequena habitação, dirigiu-se para lá.

Batendo à porta, esta foi-lhe aberta por um homem já de idade. Rogério pediu se éle lhe poderia dar pousada para aquela noite, ao que o dono da casa acedeu de bom humor.

— Então donde vem o senhor? foi a primeira pergunta que lhe dirigiu o velhote.

— De muito longe. Abandonei a minha casa e meus Pais, para vir tentar fortuna.

— Mas para onde tenciona ir?

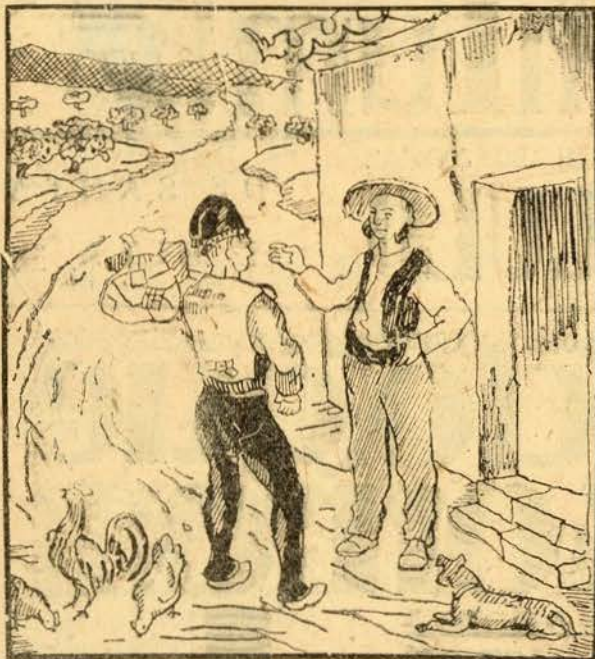
— Ainda não sei. Gostaria bastante que me informasse qual a cidade mais próxima daqui.

— A cidade mais próxima, meu rapaz, é a do Porto, mas eu dava-lhe de conselho que fôsse antes para Lisboa, porque, enfim, sempre é uma cidade muito mais importante. É mais longe,



isso é, mas... «quem não se aventurou, nem perdeu nem ganhou», e, eu, no seu lugar, ia antes para Lisboa.

Após ter dado algumas explicações a Rogério, sobre o caminho que devia tomar para Lisboa, o bom velhote foi-se deitar, tendo-o imitado o seu hóspede.



Mal a manhã rompia, já Rogério, de pé, se preparava para a jornada.

Depois de ter agradecido ao bom homem a hospedagem e as informações que lhe dera, partiu cheio de esperança. Andou horas e horas até que, por fim, anoiteceu.

O caminho era perigoso devido aos inúmeros precipícios que se encontravam a cada passo.

Rogério caminhava com precaução, mas de pouco ou nada lhe valeu, porque, de repente, sentiu a estrada fugir-lhe debaixo dos pés e rolou por um precipício horrível atingindo na queda uma velocidade tão grande que, quando chegou ao fim, foi bater com a cabeça de encontro a um pedregulho.

Quanto tempo se teria passado?

Agora Rogério, deitado numa cama dum hospital, olhava para tudo e para todos com visível espanto.

Não podendo mais conter-se, chamou um enfermeiro que passava na ocasião.

— O senhor podia dizer-me onde estou?

— Mas aonde havia de estar? O senhor não vê que está num hospital?

Rogério olhou à sua volta para observar.

Quando se voltou para pedir outra explicação já o enfermeiro tinha desaparecido. Desalentado, cerrou os olhos por momentos.

Não durou muito o sossego e bem estar que sentia.

De repente, sentiu que lhe tocavam levemente no ombro. Quando abriu os olhos estava na sua frente, um rapaz vestindo elegantemente à inglesa.

— Então está melhor? perguntou-lhe ele com afecto.

— Muito melhor, obrigado, respondeu Rogério.

— Mas... podia-me dizer quem é?

— Nada mais fácil, meu amigo. Sou filho daquele que o socorreu após a sua queda no precipício.

Chamo-me Richard Wilson e meu Pai é muito conhecido em quasi todo o mundo. Talvez até já tenha ouvido falar nele.

— Como se chama seu Pai? perguntou Rogério.

— Charles Gilbert Wilson.

— Ah, não conheço, nem nunca ouvi tal nome.

— Admira-me, respondeu o joven inglês, mas o que,

com certeza, conhece é a grande marca Wick, não é verdade?

Ante a resposta negativa de Rogério, o rapaz ficou um pouco desconcertado.

— Mas, afinal, quem é você que nada conhece?

— Quem sou eu? Sou um pobre diabo; e Rogério, em poucas palavras, expôs a Richard a sua vida e a sua ambição, dizendo-lhe também como se chamava.

— Olhe a sua ambição não é nenhum impossível. Meu Pai simpatizou imenso consigo logo que o viu e pode ser que faça alguma coisa por si. Se está disposto a ouvir-me um bocadinho contar-lhe-hei como, e porque o trouxemos para este hospital.

Eu é que vinha a guiar o automóvel porque o «chauffeur» adoeceu justamente no dia em que tínhamos de regressar duma pequena viagem, onde eu e meu Pai fomos assistir ao enterro dum velho amigo.

Partimos na manhã do dia seguinte ao do enterro do nosso amigo. Como meu Pai estivesse bastante fatigado, propôs-me passarmos a noite num hotel. Eu que não gosto de hotéis, fiz-lhe ver a conveniência de chegarmos o mais depressa possível.

Assim foi. Continuámos a viagem toda a noite. De repente, meu Pai, que ia a meu lado, diz-me cheio de aflição:

— Pára Richard, pára!

Imediatamente parei o automóvel. Alguns metros adiante, na valeta, estava um vulto caído. Esse vulto era você, Rogério. Ao aproximarmos-nos, vimos que tinha a cara e as mãos cobertas de sangue.

Meu Pai então albitrou que o trouxéssemos para Lisboa.



Se antes disto o carro ia depressa, passou a voar. E chegámos aqui hoje de madrugada.

Meu Pai, como já lhe disse, simpatizou consigo, e mandou-me hoje vir saber de si.

— Não sei como agradecer-lhes tanta bondade, res-



pondeu Rogério, mas creia que nunca hei-de esquecer o bem que me fizeram.

Richard fez um gesto de protesto.

— Peço-lhe, meu amigo, que nunca pense nisso, porque a melhor maneira de nos ser reconhecido, é nunca falar sobre o assunto. E prosseguindo: — você hoje ainda não se sente com forças para me acompanhar, portanto, amanhã, virei buscá-lo para o levar à presença de meu Pai.

Rogério tanto insistiu e tanta coisa fez que convenceu o jovem inglês a levá-lo nesse mesmo dia dali para fora.

Agora Rogério, no meio das ruas, parecia um verdadeiro idiota.

Olhava para tudo duma maneira tão cómica, que todos que o notavam não podiam deixar de rir.

A sua maior admiração foram os electricos.

E o barulho da cidade? Isso, então, era o que o afligia mais.

Dizia ele a Richard:

— Eu, se não me habituo a esta bulha, endoideço.

Chegaram, finalmente, a casa do senhor Wilson. Este estava tão entretido a ler o «Times», seu jornal predilecto, que nem deu pela entrada dos dois rapazes no escritório.

— Meu Pai, aqui lhe trago o nosso ferido.

O senhor Wilson voltou-se admirado.

— Já? Não o esperava tão cedo. Tinhas-me dito que só viria amanhã!

E, voltado-se para Rogério que se conservava de pé, acanhado.

— Então como vai isso? Já nem parece o mesmo.

Mas diga-me uma coisa, você tem outro fato? Olhe que esse já não está decente.

Efectivamente o fato do Rogério parecia o de um mendigo

Seu filho apressou-se a expôr a situação do rapaz.

— Bem, isso é o menos, retorquiu o senhor Wilson quando Richard terminou.

Você está disposto a trabalhar? perguntou novamente o inglês.

— Conforme senhor. Estou disposto a trabalhar se o género de trabalho me agradar.

— Bom, então, diga-me: Gostaria que eu o empregasse numa das minhas fábricas de automóvels? Claro está que, por enquanto, só poderia ir para uma das oficinas de reparação de autos.

Talvez, ao principio, se aborreça, mas com o tempo e a prática acabará por achar interessantissimo.

Decorreram alguns meses. Rogério conservava-se ainda na fábrica do senhor Wilson.

Essa fábrica é em Londres, situada no centro da cidade.

Rogério vive hoje com comodidades, mas a sua ambição não o larga. Ser muito rico, independente. O seu maior amigo é Richard, ao qual confessa toda a sua vida.

Um belo dia o senhor Wilson deu ordem para que fossem chamar Rogério. Este estava na fábrica fiscalizando uma officina. Ao darem-lhe o recado, o rapaz appareceu immediatamente em casa do patrão.

— Senhor Rogério, preciso de conversar consigo alguns momentos.

— As suas ordens; respondeu Rogério.

— E o seguinte... principiou o inglês, vai haver dentro de 1 mês uma corrida de automóvels de todas as marcas mundiais. Ora eu teria grande alegria que a nossa marca figurasse entre os concorrentes, mas há aqui um obstáculo. Não temos «chauffeur» na fábrica, que tenha capacidade para guiar um carro durante uma corrida, como a que se vai efectuar.

Eu já não ambicionava prêmio, mas ao menos que a nossa marca fizesse boa figura, e, ao mesmo tempo, serviria um pouco para reclamo.

— Senhor Wilson, se V. Ex.^a me permite, serei eu que guiarei a nossa marca, representando-a, respondeu Rogério.

— Agradeço-lhe e acetto, mas nunca me atreveria a pedir-lhe, porque não sei se já pensou bem, que, indo correr, não tem a vida segura.

— Pensei, senhor, pensei, mas, então, ninguém correria, se todos pensassem assim.

Dia 19 de Março.

O tempo lindissimo, convida toda a gente a ir assistir ás grandes provas mundiais de automobilismo.

No grande Estádio de Londres a multidão sobe a milhares e milhares de espectadores.

Há grande agitação, pois a corrida deverá começar dentro de 10 minutos.

Dado o sinal, o júri marca a partida.

Os carros deverão correr 4 a 4.

Fazem-se apostas sobre esta ou aquela marca. Os 4 primeiros carros partem como flechas.

Não há interesse apesar de serem marcas muito conhecidas.

Partem em seguida outros 4, e a assistência não aplaude, e assim sucessivamente.

E' agora a vez de partirem as seguintes marcas:

Um *Gick*, um *Shauid*, um *Rall* e um *Wick*, todas elas marcas de grande reputação.

O povo, ao anunciarem-lhe as marcas que vão correr, não se entusiasma.

Porquê? E' bem simples.

As marcas de reputação mundial foram as primeiras a correr e não tinham interesse em vista de todas terem tido baixas classificações.

Como se há-de agora manifestar, se, apesar de serem bons carros, não chegam aos calcanhares dos primeiros?

O júri dá a partida.

A principio nada tem de interessante.

De repente ha dois carros que se salientam.

São o *Rall* e o *Wick*.

O povo começa a agitar-se até que chega ao delírio.

Agora os dois carros, já muito próximos da meta, vão a par. Quem ganhará?!

Rogério, pois era ele quem guiava o *Wick*, estava nervosíssimo.

Via o seu adversário ao lado, sem um nem outro avançarem.

100 metros faltam para chegar á meta.

Rogério carrega no acelerador até este não dar mais, com risco de reventar o carro.

Há uma exclamação de triunfo que parte de todos os espectadores.

O *Wick*, após um esforço inaudito, acaba de transpôr a meta.

Correram ainda inúmeros carros, mas não tiveram mais importância que os primeiros, acabando em seguida as provas mundiais.

O júri, agofa, no meio do maior silêncio, proclama vencedor mundial, a grande marca inglesa, *Wick*.

Rogério comovido agradece as felicitações que os seus amigos lhe dirigem.

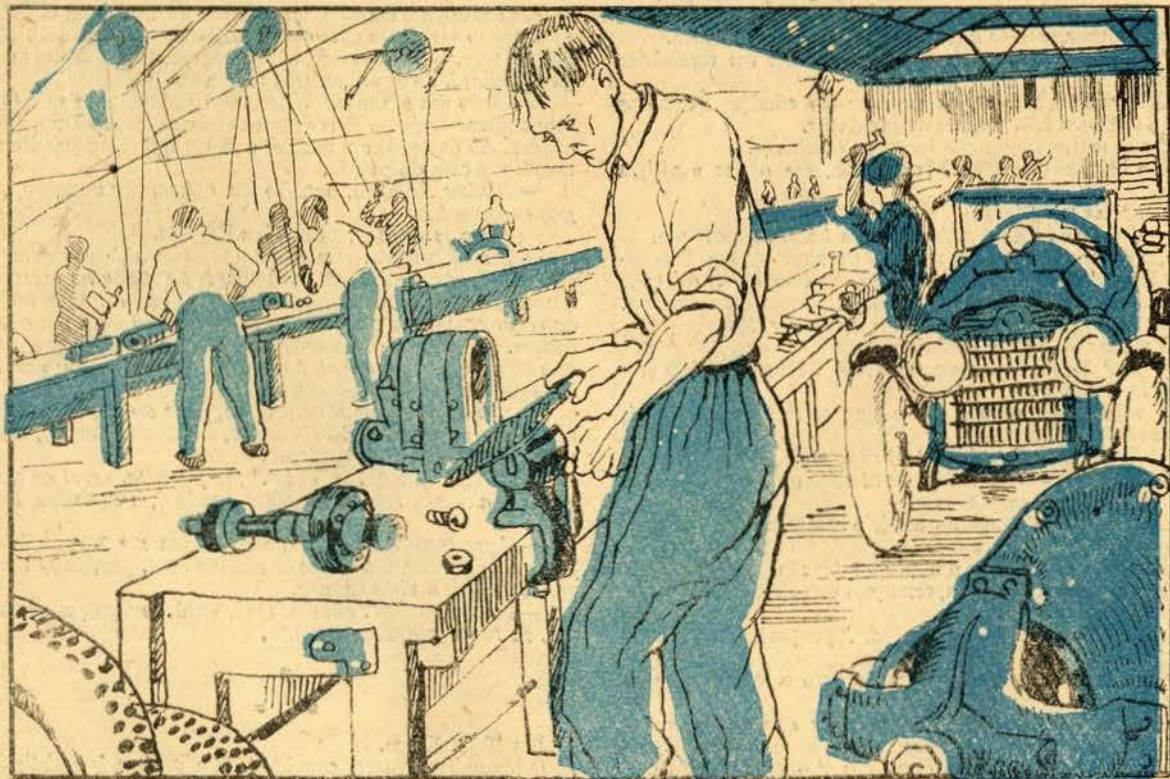
Richard abraça-o e diz-lhe em tom solene:

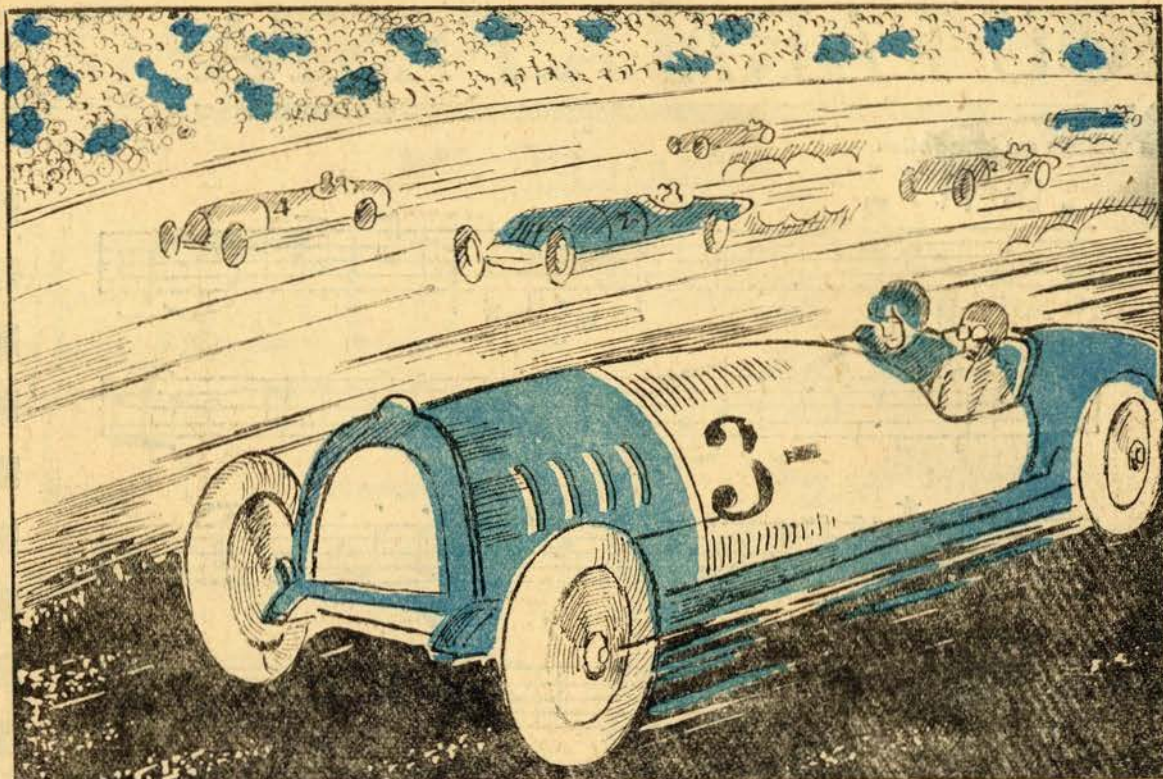
— Rogério meu bom e querido amigo, acabas de elevar o nosso nome e a nossa grande marca. Fica certo que meu Pai há-de recompensar-te como mereces.



As palavras que Richard dissera ao seu amigo, no dia da grande glória, cumpriram-se.

Rogério é hoje um ricoço, pois o velho inglês deu-lhe sociedade na sua fábrica. A-pesar de tudo não é feliz. Não é porque lhe falte dinheiro, mas sim a Felicidade.





Casou, mas após dois anos de casado, morreu a mulher, que ele adorava, vitimada por uma doença incurável.

Nesta ocasião, se o dinheiro pudesse curar, a mulher tinha-se salvo, pois Rogério gastou o que se chama uma pequena fortuna com a sua doença.

Em seguida um filhito, que tem actualmente cinco anos, teve que amputar uma perna por ter caído duma

bicicleta, que seu Pai lhe tinha oferecido com tanto gosto! Enfim uma série de desastres que a riqueza não pôde impedir.

Muitas vezes Rogério, quando conversa com Richard, lamentando-se da sua vida, diz-lhe:

— Ah Richard, Richard, agora é que eu vejo que os ricos nem sempre são felizes!

■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ F I M ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■

BREVEMENTE:

A grande novela de Augusto de Santa-Rita, com lindas ilustrações de Adolfo Castañé, cujo título revelaremos no

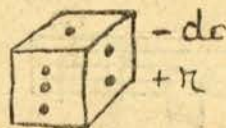
próximo número e em que se conta a vida de um menino perdido. ■ ■ ■ ■

ENIGMA PITORESCO por MARIA EMILIA

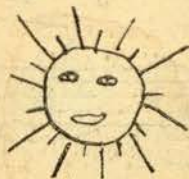


Vna

i



- de
+ n



+ ta

NÃO

volta

VOU PARA A FESTA

Marcha
por
Americo
Gonçalves

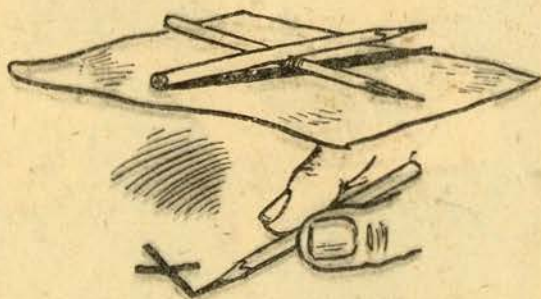
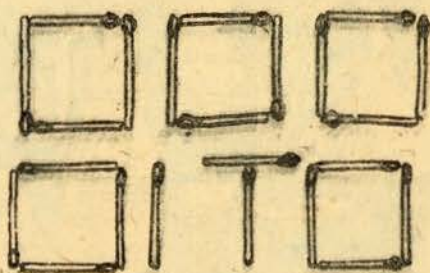
Para violino ou bandolim

Do M.

The musical score is written on ten staves. It begins with a treble clef, a 2/4 time signature, and a key signature of one sharp (F#). The first staff contains the initial melody with dynamics *ff* and *mf*. The second staff continues the melody with a triplet and a dynamic of *f*. The third staff features a piano (*p*) section and a very piano (*pp*) section. The fourth staff includes a trill (*tril.*) and a triplet. The fifth staff has a first ending (*1ª vez*) and a second ending (*2ª vez*), both marked with a dynamic of *sf*. The sixth staff contains the word *rall.* and a signature for AMERICO GONCALVES. The seventh staff is marked *mf*. The eighth staff has a dynamic of *p*. The ninth staff is marked *rest*. The tenth staff is marked *dim.* and *rall.*

HORA DE RECREIO

PROBLEMAS



Os problemas executados com fósforos são variadíssimos e a sua solução é, por vezes, complicada.

O que hoje apresentamos tem a vantagem de poder ser feito pelos pequeninos leitores do «Pim-Pam-Pum», pela sua simplicidade.

Com 12 fósforos, fazem-se sobre a mesa 3 quadrados.

Propõe-se ao auditorio o seguinte:

— *Tirar da mesa menos de quatro fósforos, de forma que só fiquem oito...*

Como se vê na gravura, a solução é fácil, empregando o «truc» de ficarem onze fósforos com os quais se escreve a palavra OITO.

Coloquem sobre um papel branco dois lápis em cruz, como indica a gravura.

Tirem um e proponham aos vossos amiguinhos o seguinte:

— *Serão capazes de fazer uma cruz com este lápis sem o quebrar?*

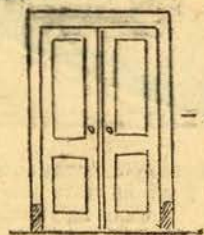
Muitos decerto vacilarão e dirão até que é impossível.

No entanto nada há mais fácil do que a execução deste problema.

Com a maior simplicidade, depois de todos acharem impossível, agarrareis o lápis e, com o bico, (pois não pode ser de outra forma) faeis uma cruz no papel...

ENIGMAS PITORESCOS

QUE TERRAS SÃO?



- A + I



I



D

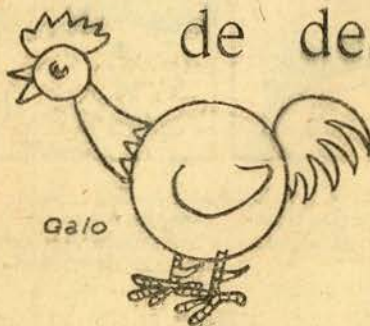
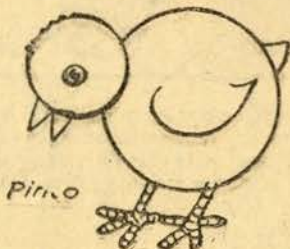


III

ZE EYLAQ



Lição de desenho

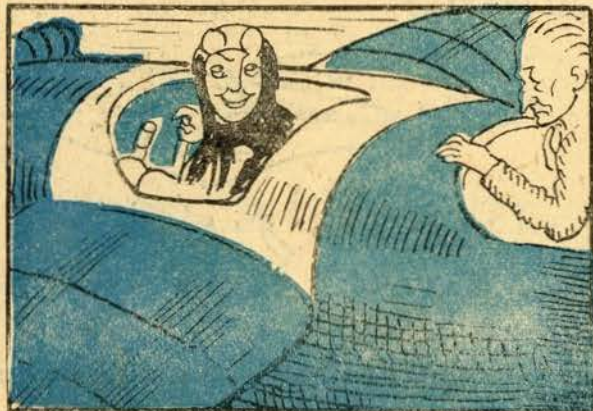


Tiolónio

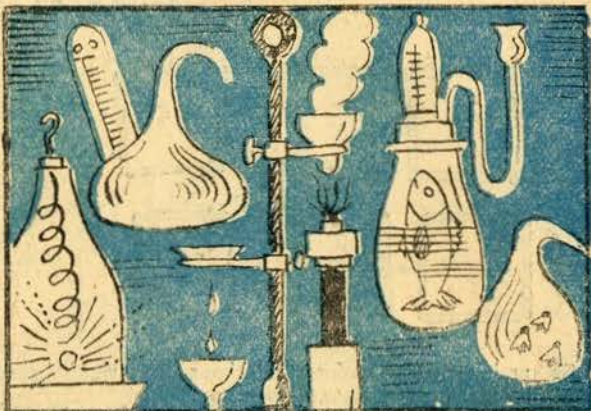
Aventuras de PIM, PAM e PUM

por **Gastañé**

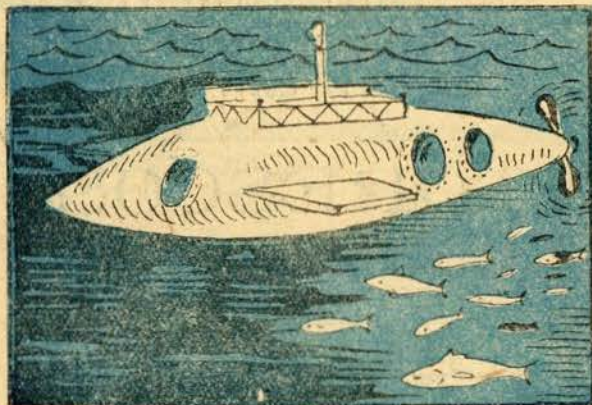
(Continuado do número anterior)



1 — ... inesperadamente o motor principiou a funcionar e retomámos o equilíbrio perdido. Tinha sido uma demonstração de acrobacia aérea do meu salvador; e enquanto eu ainda me recordava do perigo...



2 — o aviador ria. Foi uma brincadeira de mau gosto. Pedi ao meu companheiro que me deixasse em Barcelona, onde tenho a minha casa e o meu laboratório. E Pim, Pam e Pum continuavam interessados.



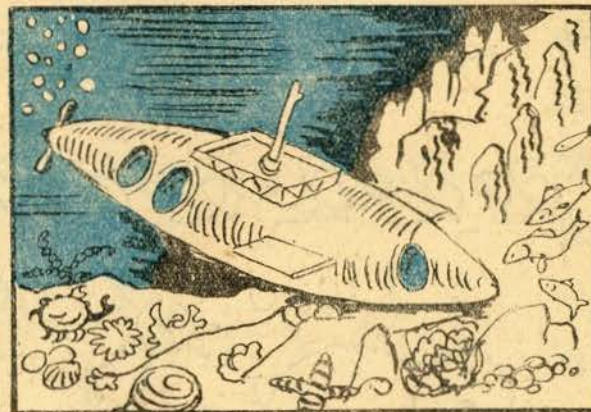
3 — Juntamente com a minha vocação religiosa comparto os meus estudos científicos. Inventei o fato submarino e o automóvel submarino. Logo que cheguei à minha casa, dediquei-me a concluir a construção deste automóvel...



4 — que eu tinha interrompido por causa duma viagem urgente. Essa construção foi à minha custa pois que, com o meu fato submarino, consegui enriquecer fabulosamente.



5 — Logo que o meu automóvel submarino ficou pronto, mergulhei-o no Oceano Atlântico, e eu só. (Rev. Dr. Uzanizaga, um vosso criado) como piloto e único passageiro, puz-me a navegar ao acaso.



6 — Esquecia-me dizer que o meu automóvel é bastante espaçoso e que nele introduzi muitos mantimentos, mobiliário, roupas, etc., etc. Passei dois dias de viagem deliciosos, mas, no terceiro dia, senti um violento golpe. Tinha encailhado...

(CONTINUA NO PROXIMO NUMERO)